

8. Chamados à comunhão

"Digno de fé é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor" (1 Cor 1,9)

Na comunhão com o Filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Senhor (S. Paulo faz questão de colocar todos os títulos que definem o mistério de Jesus), se concentra todo o nosso empenho com Deus e todo o empenho de Deus conosco. A comunhão com Cristo é a nossa vocação original e essencial, ao coração de cada vocação, e é o foco da verificação da nossa fé em Deus. Sempre penso em uma frase que me acompanha, desde as aulas de catecismo do ensino médio: "O núcleo de fé é a adesão a Cristo". Esta frase me deu a direção certa em um momento em que o racionalismo e o ideologismo imperantes naqueles anos, me tentavam fazer pensar que a verificação da fé devia ser puramente intelectual, a verificação de verdades abstratas, uma verificação abstrata das realidades abstratas, como se a verdade não fosse nada mais do que duvidar. Mas aquela frase, me fazia sentir conforme ao meu coração, e também à minha razão, uma verificação realmente existencial, realmente interessante para a minha vida e meu coração, e valorizava o que da família e da Igreja já tinha recebido, já tinha visto e tinha me fascinado: a verificação da fé dentro de um relacionamento com Jesus, a verificação da fé como uma experiência de uma relação viva com o Deus presente, que desde sempre me fascinou nos santos e nas pessoas verdadeiras, que tinha conhecido e encontrava.

O chamado de Deus é sua vontade para nós, é o que Ele quer de nós, pessoalmente. Compreender a vontade de Deus como vocação, significa entender que também para Deus nada é abstrato ou vontade abstrata, mas tudo para Ele se dá e é pedido dentro de uma relação, dizendo "tu". Deus não se contenta em revelar-se como "Sou aquele que sou" (Ex 3,14). Deus se apressa a declinar a sua identidade em uma relação: «Deus disse a Moisés: "Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, Deus de Isaac e o Deus de Jacó, enviou-me a vós"» (Ex 3,15). O nosso Deus é um Deus de comunhão, que no auge da Sua revelação, se revelará como Pai, Filho e Espírito Santo. Por isso, para verificar a fé Nele enquanto Deus, Deus chama à comunhão com o Filho, para experimentar a familiaridade com o Filho, e foi para isto que O enviou ao mundo, que morreu e ressuscitou: "Morreu por nós para que (...) vivamos juntos com Ele" (1 Ts 5,10).

É importante que, quando falamos de vocação, fé, obediência à vontade de Deus, nunca percamos de vista o contexto em que estas realidades têm consistência e podem se tornar experiências efetivas para nós e para os outros: a comunhão com Jesus Cristo, Senhor; do contrário, tudo enlouquece, tudo pode se tornar absurdo, desequilibrado e, por fim, falso. Falar de vocação sem se referir à comunhão com Jesus, é aberrante. Viver de obediência sem vive-la no contexto do relacionamento com Cristo, é escravidão, não é liberdade em ação. Falar de fé, discutir sobre fé, falar que acredita, fora ou somente ao lado da comunhão com Jesus Cristo, é heresia prática, mesmo que as ideias e concepções estejam dogmaticamente corretas.

Mas ao que o Pai nos chama, quando nos chama à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor?

A semana depois da Páscoa e do meu retiro em Cortona, visitei as nossas monjas em Portugal, e juntos fizemos uma breve peregrinação a Fátima, onde nunca tinha ido. Tocou-me, especialmente, o testemunho dos pastorinhos que viram a Virgem, dois dos quais, Francisco e Jacinta Marto, morreram crianças e já são santos. Impressionou-me a autoridade da relação destes com Deus, a consciência que tiveram de sua missão, a seriedade e a paixão com que aprenderam da Mãe de Deus a rezar e oferecer-se pela conversão do mundo.

Neste mesmo dia, tinha celebrado na capela das aparições em Fátima. Naquela Semana de Páscoa, o evangelho era o da aparição do Ressuscitado na beira do mar de Tiberíades: João 21,1-14.

Os discípulos haviam pescado a noite toda, mas não pescaram nada. Do barco de Pedro, símbolo da Igreja, quando Jesus, misteriosamente, se apresenta na praia e pergunta se têm algo para comer, algo para Ele, os apóstolos tiveram que responder um seco: "Não!". Impressiona a dureza deste "não". Normalmente, quando um cliente se apresenta no peixeiro e pergunta se tem tal peixe, se o peixeiro não tem, responde com gentileza, para não perder o cliente. Talvez fale uma desculpa, uma mentirinha, mas pelo menos o cliente vai embora com a sensação de que o peixeiro sentia muito por não lhe satisfazer. É verdade que diante dos muitos pedidos que tenho de recusar, gostaria também de poder escrever nos e-mails um simples "Não e saudações!", e não perder tempo justificando-me. Mas, de fato, o que está em jogo não é tanto o que se pede, aceita ou recusa, mas o relacionamento com as pessoas, e que precisa sacrificar um pouco de atenção. Uma vez, levei um certo tempo para escrever uma breve, mas meditada mensagem de condolências para uma pessoa, pela morte de um parente, e exatamente dois minutos depois recebi sua resposta: "Obrigado!", sem nem a assinatura. Me senti congelado.

Digo isto para destacar na cena daquela manhã, no mar de Tiberíades, o quanto os discípulos, por exaustão, por mau humor e desconfiança, estavam fechados para entrar em relação com Jesus, mesmo que ainda não o tivessem reconhecido. Aquele homem na margem era apenas um incômodo, e não tinham nenhuma vontade de entrar em relação com Ele, de familiarizar com Ele, de descer do barco e ficar ali um momento para falar sobre isso e aquilo, sobre o clima ou a escassez de peixe. Estavam fechados a qualquer familiaridade. Certamente também entre eles pairava o mesmo mau humor, a mesma seriedade. Ainda mais os apóstolos nominados na cena como Pedro, Tomé e Natanael, que tinham personalidade bastante grosseira e desconfiada.

No entanto, Jesus se dirigiu a eles com rara ternura e familiaridade: "Filhinhos [poderia ser traduzido como "crianças"!], não haveis nada para comer?" (Jo 21,5). Não poderia ter sido mais gentil, delicado e carinhoso. E eles, ao contrário, imediatamente: "Não!", como adolescentes zangados.

Mas é importante considerar esta oferta de familiaridade rejeitada, pois faz ressaltar a frase de Jesus que vem depois: "Lançai a rede para o lado direito do barco e encontrareis!" (Jo 21,6)